

Mauro Wilton de Sousa

Bibliografia Comentada: Práticas de recepção mediática: o pertencer ao comum social

Resumo

O presente texto discute as possibilidades de se entender as práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento ao espaço público, de inclusão em um comum social, em tempo e espaços sociais dados.

Introdução

Um dos temas mais instigantes em comunicação é o que se refere à busca de novos olhares interpretativos sobre as práticas de recepção aos meios de comunicação social. Essas práticas passaram a ter peso significativo no contexto de surgimento das tecnologias de informação e de comunicação ao longo do último século, peso justificado ainda pelo surgimento de um novo cenário de relações sociais mediado cada vez mais por estas tecnologias. Um caminho hoje sendo trilhado na busca de compreensão desse objeto de estudo está na pesquisa de como a recepção pode também ser vista como processo de inclusão através de formas de participação nos mundos simbólico e imaginário da vida cultural.

Este tem sido um dos caminhos atualmente pesquisados pelo Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção Mediática da ECA-USP e tomado público através de trabalho preliminar apresentado por SOUSA, M.W, em "Práticas de Recepção Mediática como Prática de Pertencimento Público", REVISTA NOVOS OLHARES, número 3, 1999.

No presente texto serão retomados aspectos reflexivos e indicações bibliográficas que têm marcado desde então o debate dessas questões, em diversos setores da pesquisa acadêmica e aqui comentados no objetivo de favo-

recer aos que se iniciam na pesquisa desse mesmo objeto de investigação.

Um novo entorno sócio-cultural em comunicação

O entorno social dos anos recentes vem propiciando retomar as questões voltadas à recepção mediática de um modo novo e instigante: primeiro porque as novas tecnologias da comunicação, suportadas cada vez mais no processo digital, diversificaram o panorama tecnológico até então disponível e que predominantemente favorecia a construção de um cenário denominado de comunicação de massa -de um lado tecnologias e processos via rádio, cinema, televisão e imprensa, de outro lado, todo um público consumidor como que coletiva e massivamente dependente dessas mesmas tecnologias e dos processos culturais advindos. Os novos media, em especial no que significa a participação do computador, passaram a criar a possibilidade crescente a seu acesso individual numa relação que não é necessariamente a do consumidor coletivo e à espreita do que lhe é oferecido no tempo comunicacional único e simultâneo, criando-se, pois, caminhos tecnológicos alternativos, de forma não programada coletivamente, reformulando noções entre comunicação, tempo e espaço social, tanto coletivo como individual. Essas transformações propiciaram um segundo instante não menos instigante: o estoque de referências conceituais e teóricas disponível para análise e interpretação das práticas de recepção tem se mostrado insuficiente, quer porque essas práticas se modificaram, quer porque o entorno social e cultural onde

Mauro Wilton de Sousa é

professor e pesquisador junto ao Departamento de Cinema, Rádio e TV, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, CTR-ECA/USP.

se inserem igualmente se modificou. O termo recepção, que até então já se mostrava limitado para conceituar a relação entre as pessoas e os diferentes media, tem acentuado a sua limitação ao ter que dar conta de processos onde pode ser tido sob ângulos outros, como por exemplo, o de usuário, agente ativo, provocador de informações a seu tempo e a seu gosto, tanto quanto agente autônomo no uso de tecnologias múltiplas, logo, passível de interferência em diversas mediações no espaço da comunicação social. O termo recepção se amplia, porque não se refere mais apenas à relação entre as pessoas e os diferentes novos e velhos media, mas, é visto como componente de um processo bem mais amplo de troca de sentidos de vida, que não se objetiva só nos media como ponto final de uma cadeia, mas tem neles o que o nome já envolve -são mediadores de algo que os ultrapassa enquanto aparatos tecnológicos de comunicação. O papel das mediações sociais se coloca como fundamental para dar conta do sentido da relação que as pessoas estabelecem com os diferentes media. Entra em crise a noção de recepção e surge a perspectiva do sujeito e seu contexto de mediações culturais. As novas formas de complexidade da vida urbano-industrial também dão novo sentido aos seus agentes institucionais: é um todo que se modifica, e, no caso, há uma nova sociedade que é também denominada de sociedade mediática - o lugar mediador das tecnologias de comunicação faz delas agente construtor da configuração de renovado tecido social. Isso traz de vez a certeza de que a relação das pessoas com os media não se exaure na compreensão instrumental desses media -como é fundante no olhar funcionalista em comunicação-, como não se exaure na forma única de aceitação de um processo linear e permanente de um certo tipo de dominação -a do emissor, em toda sua amplitude- e o receptor, sobretudo na compreensão de um imenso rol de pessoas que se expõem às tecnologias de comunicação, enquanto objeto possível de captura¹.

Enfim, os anos recentes a-

cabaram assegurando que há um novo processo, bem mais complexo do que aparenta, indicando novos papéis e razões de ser para o nexos sociedade-comunicação-tecnologias, logo, para a revisão do que se entendeu até agora como recepção mediática.

A recepção mediática como componente de um processo de inclusão

Nas teorias fundadoras em comunicação, a recepção sempre foi vista como o elo resultante de outro, acionador principal, o da emissão. Este, não só no sentido imediato de agente apresentador do veículo, como por exemplo a própria programação televisiva de cada dia, mas no sentido mais amplo do próprio sistema sócio-econômico que fundamenta as razões do ser e do como atuar dos media. Recepção e passividade, caixa vazia, elo final de um processo de captura, são, entre outros, termos indicativos do desequilíbrio da relação emissor-receptor e da limitação de seu uso. Boa parte desse olhar sobre a recepção mediática é reprodução de outro olhar não menos complexo, o que entende os indivíduos na confluência do sistema sócio-econômico capitalista onde se situa. Se este olhar mais amplo tem sentido, acabou sendo traduzido de forma limitada e castradora no campo da comunicação, na proposição de uma relação única, sem campo de autonomia e de conflito, logo, de resistência, por parte da recepção.

É uma nova perspectiva que os estudos culturais ingleses propiciaram: retomar o campo das práticas sociais como espaço da vida cotidiana onde se dá o conflito entre os indivíduos e a sociedade, onde a interlocução pode proporcionar a resistência, tanto quanto a aceitação ou não do que esse mesmo cotidiano significa e traduz². O mundo da comunicação não se exaure na relação cotidiana de pessoas frente a veículos de comunicação, mas tem neles um dos agentes por onde se dá a verdadeira relação social, que é entre os indivíduos e a sociedade, o tempo e o espaço das relações da vida em construção.

Esse espaço das relações sociais em permanente mudança é o *locus* onde o coletivo se expressa, portanto, onde

(1) *vide*: SOUSA, M.W., MARTÍN-BARBERO J, NETO, A. F., in: SOUSA, MW. 1995.;: SOUSA, M W -, 1998; MIÈGE, B., 2000

(2) HALL, S. , 1996;
_____, 1969



o que é disponibilizado a todos como produto de um tempo e espaços dados se manifesta.

Estão aí, nessa relação aparentemente ingênua e simples, as possibilidades explicativas de um novo modo de se compreender atualmente a recepção mediática como componente, na diversidade tecnológica que abarca, e na complexidade social de um todo cada vez mais fragmentado, mas cada vez mais também em movimento, de um processo não apenas de exclusão social como é derivado das teorias fundadoras de comunicação³, mas também de inclusão a um todo social, a algo que é colocado como comum, construído por agentes plurais e diversos, ou mesmo ditado pelo contexto sócio-político-econômico, mas que expressa o movimento das idéias e práticas em um tempo e espaço dados. A palavra pertencimento, como um sentimento motivador e básico, talvez expresse de modo assertivo essa idéia: a recepção mediática na contemporaneidade do processo social e na confluência das múltiplas tecnologias de uso disponível é também, e fortemente, expressão da necessidade de fazer parte, de pertencer a algo que é percebido como o que circula como sentido comum, se não a todos, hegemonicamente como prática de muitos; não como uma ilusão mas como expressão cotidiana do viver juntos os sentidos da vida, logo, como expressão de interesses os mais diversos de uma sociedade sustentada no conflito⁴. Isso não elimina a consciência, a crítica, a resistência, ou mesmo a aceitação passiva do que é proposto no cotidiano mediático, ao contrário, reforça a possibilidade crítica e construtiva de algo que pode ser sentimento, mas que pode também derivar em práticas e ações de reforço ou mudança desse mesmo cotidiano⁵. A recepção, pois, é revisada como prática de pertencimento, de inclusão em um todo, não único e fixo, mas visível e em permanente processo de mudança, portanto, também de conflito. A recepção mediática não é frente aos media, mas frente ao mundo real tanto quanto imaginário e simbólico onde são apenas agentes mediadores. São as

práticas de vida que se constituem como um elo fundador dessa nova relação, onde o receptor individual não se esgota na figura de um telespectador, mas que só pode ser percebido nos sentidos que dá à vida cotidiana, à forma como faz real o conflito invisível de sua relação consigo mesmo, com os outros, com o mundo e que, no tempo e no espaço, lhe configuram a visibilidade do que lhe é ser indivíduo na sociedade. As perspectivas políticas de compreensão concreta de uma sociedade capitalista neo-liberal, globalizada, têm aí um dos nexos por onde pode também ser percebida, criticada e avaliada⁶.

As vertentes acadêmicas na perspectiva de inclusão

Várias questões estão presentes na configuração dessa perspectiva inovadora de se entender a recepção como processo de manifestação do sentimento de pertencimento a processos coletivos e parciais de visibilidade do que é comum em circulação na vida real.

Não é uma perspectiva sustentada na verticalidade dos paradigmas até agora vigentes, quer do positivismo, quer do materialismo dialético, quer do freudianismo. É uma perspectiva sendo construída na busca de uma orientação desses paradigmas em suas transversalidades e não tem pretensões outras do que alinhar novas lógicas propositivas do viver social contemporâneo⁷.

Por outro lado, a noção de sentimento de pertencimento não é nova, ela está presente nos estudos sociológicos e antropológicos sobre a comunidade e sociedade⁸. O que é novo é seu sentido ampliado, ultrapassando os sentidos matrizes, incorporando novas maneiras de entendê-lo na vida social contemporânea⁹. Em comunicação o seu delineamento conceitual tem também em Willians uma referência básica e provocativa¹⁰. O que é novo, e vem sendo proposta pioneira de estudos, é a hipótese do Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção Mediática sobre a compreensão das práticas de recepção como expressão da busca de inclusão, isto é, de

(3) MIÈGE, B. 2000

(4) MIÈGE, B., 1999; _____, 1992.; FLORIS, B., 1995.

(5) HALL e MIÈGE. *op cit.*

(6) SANTOS, B.S 1997.A/; SANTOS, B. S., 1997.B/; IANNI, O.; 1999.

(7) MIÈGE, B., 1990.

(8) WEBER, M., 1973; SILVERSTONE, R., 1999.

(9) OROZCO, G., 1996; SILVERSTONE, R, 1999.; BLANCO, V. FS., 1999.

(10) WILLIAMS, R., 1979.

pertencimento a um comum social manifesto na esfera pública, em toda a complexidade que a temática vem tendo nos dias atuais¹¹.

Registre-se, por outro lado, que essa proposição-hipótese surge da constatação e crítica de que o processo de pertencimento está embutido e reconhecido em pelo menos dois diferentes eixos e tradições de estudo: de um lado, os estudos culturais, especialmente na vertente que vem assumindo na América Latina os estudos de Canclini, Martín-Barbero, entre outros; por outro lado, em outra tradição diferente de estudos, a que se dedica hoje à pesquisa dos novos espaços públicos¹², a questão do pertencimento está presente. Evidente que tanto nos estudos culturais como nos estudos sobre espaço público mediático a temática tem acepções diferentes, quando não, está em contextos explicativos segundo preocupações e objetivos diversos. O que aqui se advoga é a análise crítica desses diferentes usos, o que proporcionou a hipótese acima sobre a relação entre recepção-práticas culturais-espaço público.

Uma análise mais cuidadosa sobre o espaço público, desde seu uso primeiro nos trabalhos de Habermas e sua conotação básica ligada principalmente à dimensão de espaço de argumentação discursiva pública dos interesses políticos de uma sociedade, até as perspectivas atuais de estudiosos franceses sobre o espaço público fragmentado da contemporaneidade, não mais vinculado de forma única ao pressuposto da argumentação, criará bases para se pensar criticamente na possibilidade de se reconhecer o mundo mediático como componente ou não de um possível espaço público mediático na contemporaneidade¹³. Este último não se restringiria ao espaço político, mas envolveria a politização do social, campo por onde se estruturaria a relação entre media e sociedade.

Uma das questões mais intrigantes nesse debate é a que se refere à com-

preensão do que é comum, enquanto propriedade coletiva pré-existente na vida social, como no caso da etnia ou da língua, e o que é comum como identidade construída. A questão envolve rever o que se entende por coletivo, público, o comum como discurso, linguagem, tanto quanto o que se assume por comunidade, e mais, rever o que configura como sentido estruturador da opinião pública e, especialmente, do espaço público¹⁴.

A complexidade da proposição aqui tomada quanto à recepção enquanto componente de um processo de inclusão cultural envolve diferentes revisões conceituais e teóricas, como por exemplo: quanto à cultura, enquanto espaço de práticas sociais, o que permite rever a concepção do que é popular¹⁵; quanto à presença das forças que dão diferentes eixos ao poder dominante em tempo e espaço dados, ou seja, a construção social da hegemonia¹⁶; quanto à revisão do que significa a recepção como espaço de produção e manifestação do sujeito¹⁷; quanto às possibilidades do pertencimento se traduzir em participação social que gere processos de inclusão cidadã¹⁸; quanto às múltiplas conotações que o pertencimento através dos media pode significar como objetivação de si¹⁹; quanto à interpretação hoje das mediações sócio-culturais²⁰. Outras questões estão presentes nessa provocativa questão-hipótese aqui indicada e outras tantas indagações e perspectivas de pesquisa vêm sendo, ainda, pesquisadas.

Enfim, a temática da recepção mediática em sua fase atual de revisão e de busca de novos modos e olhares de compreendê-la toma desafiantes os caminhos possíveis, mas evidencia o que antes já se prenunciava, isto é, há uma complexidade em redirecioná-la, na mesma proporção em que é uma prática ainda em construção, ao lado de tantas outras no caleidoscópio do tecido social. Nem por isso deixa de ser uma perspectiva explicativa instigante e plausível.

(11) SOUSA, M. W., 1999.

(12) CANCLINI, N. G., 1995; MARTÍN - BARBERO, J., 1997; _____ - 1995.; HABERMAS, J., 1984; MIEGE, B., 1999; VEYRAT-MASSON, I. e DAYAN, D., 1986; GOMES, W., 1998.

(13) REY, G., 1994.

(14) PALLIART, I., 1995, CHAMPAGNE, 1998.; PAIVA, R., 1998, *é uma indicação aqui importante.*

(15) MARTÍN -BARBERO, J., HALL, S., e WILLIAMS, R., 1995; SOUSA, M.W., 2000., BHABHA, HOMI, K., 1998.

(16) PORTELLI, H.

(17) SOUSA, M. W., 1995; TOURAINE, A., *Crítica da Modernidade* - Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1994.

(18) Vide: SANTOS, B. S., 1997.B DAGNINO, E., 1994.

(19) BOUGNOUX, D., 1999; BEAUD, P., 1985.

(20) MARTÍN-BARBERO, 1995.

(21) BEAUD, P., 1985. SIGNATES, L., 1998.; WILLIAMS, R., 1979.



Bibliografia Comentada

- BEAUD, Paul, - **Medias, Mediations et Mediateurs dans la société Industrielle.** -These Doctora D'etat, Grenoble, France, 1985.
- BHABHA, HOMI, K. - **O local da cultura**, Ed. UFMG, BH, MG, 1998.
- BLANCO, Victor F.S. - *Efectos de los medios de comunicacion sobre la opinion pública: los paradigmas sobre el poder del publico* - **Revista Comunicação e Política** VI, nº1, Rio de Janeiro, 1999.
- BOUGNOUX, Daniel - **Introdução às ciências da comunicação**, EDUSC, Bauru, SP, 1999.
- CANCLINI, Nestor García - **Consumidores e Cidadãos**, Ed. UFRJ, RJ, 1995.
- CHAMPAGNE, Patrick - **Formar a opinião - o novo jogo político**, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1998.
- DAGNINO, Evelina - *Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania* - in: DAGNINO, Evelina (org). **Anos 90 - Política e Sociedade no Brasil** - Ed. Brasiliense, SP, 1994.
- FLORIS, Bernard - *Le entreprise sous L'angle de L'espace public*, in: PALLIART, Isabelle - **L'espace public et l'emprise de la communication**, Ellug, Grenoble, 1995.
- GOMES, Wilson - *Esfera pública política e mídia: Com Habermas, Contra Habermas*, in: RUBIN, A. A.C E OUTROS (ORG)- **Produção e recepção dos sentidos mediáticos** - Ed Vozes/ Campos; Petrópolis, RJ, 1998.
- HABERMAS, Jurgen - **Mudança Estrutural da Esfera Pública** - Ed. Tempo brasileiro. Número 76, RJ, 1984.
- HALL, Stuart - *Encoding / decoding*, in : HALL, Stuart - **Culture, Media, Language**, Routlege and C.C.C.S., University of Birmingham, Cambridge, 1996.
- HALL, Stuart - **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**, Ed. DP e A, Rio de Janeiro, 1969.

- IANNI, Otávio, *Comunicação e Globalização*, **Revista Novos Olhares**, nº4, 1999.
- MARTIN - BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**, Ed. UFRJ, RJ, 1997.
- MIÈGE, Bernard - *O espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado*, **Revista Novos Olhares**, nº 3, 1999.
- MIÈGE, Bernard - **O pensamento comunicacional**, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.
- MIÈGE, Bernard - **Plaidoyer pour les problematiques transversales et partielles, Medias et Communication em Europe - P.U.G. - Grenoble, France**, 1990.
- MIÈGE, Bernard, **La sociedad conquistada por la comunicación**, ESRP/PPU, Barcelona, Espanha, 1992.
- OROZCO, G., *Los Caminos de la recepcion*. **Revista Signo y Pensamiento**, nº29, México, 1996.
- PAIVA, Rachel, **O Espírito Comum - Comunidade, Mídia e Globalismo**, Ed. Vozes, Petrópolis, R.J, 1998.
- PALLIART, Isabelle - *Prolongements*, in: PAILLART, I. **L'espace public et l'emprise de la communication**, ELLUG, Grenoble, França, 1995.
- PORTELLI, H. - **Gramsci e o Bloco Histórico**, Ed. Paz e Terra.
- REY, German. *Otras Plazas para el encuentro*. Paper - Grupo de Trabajo sobre Comunicación, Política y Cultura del CEAAL, Lima Peru, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Uma concepção multicultural de direitos humanos*, in: **Revista Lua Nova**, nº 39, CEDEC, São Paulo, 1997. A
- SANTOS, Boaventura de Sousa - **Pela mão de Alice, o social e o político na pós-modernidade**, Ed. Cortez. SP, 1997. B
- SIGNATES, Luiz — *Estudo sobre o conceito de mediação*, **Revista Novos Olhares**, nº2, 1998.
- SILVERSTONE, R. - *New Media and community*, Paper. London School



- of Economics and Political Science, London, September, 1999.
- SOUSA; M.W. *Novos cenários no estudo da recepção mediática*, in: TRIVINHO, Eugênio e LOPES. D.F. (org) **Sociedade mediática**, Ed. Universidade Leopoldianum. Unisantos, Santos, 2000.
- SOUSA, MW - *Práticas de Recepção Mediática como práticas de pertencimento público*, **Revista Novos Olhares**, número 3, 1999.
- SOUSA, M.W - *A Recepção sendo reinterpretada*, **Revista Novos Olhares**, nº 1, São Paulo, 1998.
- SOUSA, M.W. - **Sujeito, o lado oculto do receptor**, Ed. Brasiliense, SP, 1995.
- THOMPSON, J.B. - **Ideologia e Cultura Moderna**, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1995. TOURAINÉ, A - **Crítica da Modernidade** - Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1994.
- VEYRAT-MASSON, I. e DAYAN, Daniel (org) **Espacios públicos en imágenes**, Gedisa Editorial, Barcelona Espanha, 1986.
- WEBER, Max, *Comunidade e Sociedade como estruturas de socialização*, in: FERNANDES, Florestan (org) - **Comunidade e Sociedade**. Ed. Biblioteca Universitária, São Paulo, 1973.
- WILLIAMS, Raymond - **Cultura e Sociedade**, Cia. Ed Nacional, São Paulo, 1969.
- WILLIAMS, Raymond - *Estruturas de sentido*, in: WILLIAMS, Raymond - **Marxismo e Literatura**, Ed. Zahar, RJ, 1979.
- WILLIAMS, Raymond - **Marxismo e Literatura**, Ed. Zahar, RJ, 1979.